



Max observa as meninas que saem da escola. Vai por volta das cinco da tarde e fica a olhar, com ar distraído, encostado a uma árvore. É um observador selectivo. Interessam-lhe apenas as meninas dos sexto e sétimo anos, é essas que olha. Fascinam-no os pequenos seios despontando, meros carocinhos ainda, que mal se notam.

Não vai todos os dias. Tem receio de que as pessoas reparem, os pais e as mães que as vão buscar no fim das aulas, a funcionária da porta, uma ou outra professora mais atenta. Para se precaver, faz constar que não tem filhos. Que mata daquela forma a nostalgia, das crianças que nunca teve. Que engana assim a tristeza. Mas nem por isso se sente à vontade.

Vive num sobressalto, entre a culpa e a excitação. Diz a si mesmo que é uma obsessão indecente, a sua. Indecorosa. Que não se devia permitir esse abuso, essa íntima cedência à mais secreta das suas emoções. Mesmo que seja, como é, uma emoção domesticada, que não o excita sexualmente. Um acto solitário, platónico,

estético. Fica-se pelo olhar. Sem palavras. Sem qualquer espécie de abordagem. Mas, apesar disso, uma obsessão que o assusta terrivelmente.

É um homem com cerca de um metro e oitenta de altura, magro, loiro, apresentável, bem educado, simpático. Está a chegar à meia idade e sempre foi assim: contido, civilizado, discreto, tímido. Quando andava no liceu não havia lá raparigas. Só rapazes. Nunca se entendeu muito bem nesse universo. Incomodava-o, sobretudo, Jones, o professor de matemática. Era um tipo perverso. Passeava pela sala, de ponteiro na mão direita, a esquerda no bolso, acariciando os testículos. De repente, apontava o ponteiro a um aluno, arremessando uma pergunta, sempre inesperada. Se o desgraçado não respondia, ou errava a resposta, era certa a ponteirada na cabeça. Nunca se riu com os colegas da mão óbvia de Jones, no bolso esquerdo das calças; da violência das ponteiradas.

Agora, olha as meninas que vão saindo, fixo nos seios que mal se adivinham, e pensa que o mundo mudou. Hoje os professores não dão ponteiradas e o resultado é o mesmo: são muitos os que não aprendem matemática...



2

Sophie poisa o tricô. É uma mulher bonita, ainda na casa dos trinta. Tem um rosto seco de carnes, de ossos um pouco salientes, olhos grandes cor de âmbar, lábios bem desenhados. Usa o cabelo castanho claro, cortado curto, quase colado à cabeça. É alta, elegante, com pernas longas, tornozelos magros. Magras são, também, as mãos, com dedos compridos e unhas curtas e sem pintura. Quando

se move, desprende-se dela uma impressão de leveza e agilidade físicas, que efectivamente tem. Tudo em Sophie afasta da imagem da mulher que faz tricô. E, de facto, não é que goste daquilo. Nunca fez uma camisola, um cachecol, um par de meias que fosse. Nem sequer é certo que saiba usar as agulhas com exactidão. Mas vai juntando malhas quando se sente inquieta. "É a minha terapia ocupacional", diz Sophie, quando lhe fazem notar como é inesperado nela aquele hobby.

Poisa o tricô e chega-se à janela. Não, ainda não há sinal de Max. Sophie sabe onde ele está. Não falam sobre aquilo, mas depois destes anos juntos há muitas coisas que não precisam de ser ditas. Sophie sabe e pronto! É um vício inofensivo, o dele. Começa e acaba à porta da escola, uma ou duas vezes por semana, por volta das cinco da tarde. Um pouco antes, veste o casaco desportivo que comprou em Sidney [é sempre o casaco desportivo que comprou em Sidney] e diz:

– Vou ali ao *pub*, um instantinho. Só tomar uma cerveja, dar dois dedos de conversa. Não demoro nada.

Vai a pé. Nunca guiou. É ela quem conduz o carro quando viajam; ele não aprecia as viagens. Quando não está na agência, vive fechado no quartirão. Um triângulo em que a casa, o *pub*, a escola, fazem cada um dos vértices. O mais do tempo passa-o na cave, entre as telas, as tintas e os pincéis. É uma divisão rectangular, quase sem móveis, apenas com uma mesa com tintas, um cavalete, algumas telas, quadros empilhados a um canto, uma cama de campanha, duas velhas cadeiras estofadas, uma prateleira com alguns livros. Ali se refugia, reflecte, pinta ou busca inspiração.

Sophie olha à janela. Sem a abrir, sem se debruçar, apenas afastando um pouco as cortinas. Só uma nesga. O suficiente para ver se alguém assoma ao portão. Contém o desespero, a angústia, o medo

de estar a viver um amor falso, traído por aquela obsessão dele, inconfessada, subterrânea, entrincheirada no silêncio. Hábito furtivo. Sempre protegido pela mesma árvore, enquanto as meninas saem da escola, às vezes a correr, a rir, a falar alto. A rua continua silenciosa. Sophie volta ao tricô.



3

O pai de Max era um tipo pacato. Dado às leituras. Amigo do sossego. Ensinou ao filho a contenção. Aconselhou-o a nunca ser excessivo. No vício ou na virtude. Não te fies nos homens virtuosos. O excesso de virtude é também um excesso. Os excessivamente virtuosos não compreendem as fraquezas. Não oferecem tolerância. São perigosos. Tem cuidado!

A mãe de Max não se preocupava com essas coisas. Usava vestidos alegres e leves, no Verão. Esvoaçantes. Segurava as meias com ligueiros. Sem malícia. Por costume. O quarto de Max tinha uma porta de comunicação com o quarto dos pais. A porta tinha vidros transparentes. Max fingia dormir e via a mãe despir-se. Foi a primeira mulher que viu despida. Deitava-se cedo, apagava a luz e ficava à espera. Depois deu em juntar dinheiro. Comprava revistas de mulheres nuas. Com ligueiros. Não sabia onde escondê-las. Talvez no sótão. No meio das roupas velhas e dos papéis do avô. Quando é que começou a masturbar-se?

A primeira namorada chamava-se Helen. Tinha onze ou doze anos. Iam de mão dada para o jardim. Davam beijos como os do cinema. Pelo menos, tentavam imitar o que viam, embora não percebessem muito bem aquela coisa do linguado, de que os rapazes mais velhos falavam. Max não achava o gosto daquilo. Ela sabia sem-

pre a pastilha elástica. Max não gostava de pastilha elástica. Fazia de conta. Ganhava estatuto junto dos colegas. Ao menos não o chateavam. Davam-lhe palmadas nas costas. Mesmo assim, no futebol, só o punham a jogar à baliza, lugar que nenhum outro queria. Gritavam com ele porque deixava entrar muitos golos. Mas à frente é que não; não sabia fazer fintas.



Do outro lado da Rua há uma mulher que se entrega. Sophie já a viu muitas vezes. É discreta. Não terá mais de trinta anos. Esbelta, sem ser bonita, veste com bom gosto, roupas de boa qualidade, mas de tons escuros e baços. Nada nela dá nas vistas. Chega ao fim da tarde e fica pouco tempo. Vai com o primeiro que se afoita. Tipos solitários, que passam por ali, a caminho sabe-se lá de onde. É ela que os aborda. Sempre da mesma forma. Aproxima-se com um cigarro por acender e pede-lhes lume. E mesmo que eles não fumem, descobre maneira de lhes atear o fogo. Já não volta mais nesse dia. Aos fins-de-semana, também não aparece. Sophie conhece-a bem. Encontra-a muitas vezes quando volta para casa, ao fim do dia, depois de deixar o ateliê. Ganhou o hábito de a cumprimentar. Uma vez convidou-a a tomar um chá e ela aceitou.

Contou-lhe:

– Faço isto como uma expiação. Faço isto como uma cruzada. Acerto sempre em homens solitários. Vazios de alegria. Sem nada dentro, a não ser ilusões mortas. Há muitos homens assim, por detrás da gravata e da pose composta. [Só duas colheres de açúcar, se não se importa.] Uma vez conheci um, que andava à procura de um silêncio melodioso. Nem quis que me despisse. Pediu-me apenas

que ficasse ali, sentada, sem fazer o menor ruído, a ver se a música se soltava. Então poderia ser feliz. Talvez para sempre. Não resultou, mas disse-me que não desistia de tentar. Não voltei a vê-lo. Acha que podemos ouvir a música que não se ouve?

Sophie não sabia. Mas concordou que essa devia ser a música melhor de todas. Talvez a mulher que fosse capaz de ouvi-la ficasse para sempre húmida. Talvez deixasse de ter medo de homens com segredos, só na aparência profundos. Talvez começasse a cantar, sem receio de que a achassem louca. Talvez pudesse até conceber, sentir o ventre pesado, ver a pele estalar, ter leite em lugar de seios. Matar de vez os sobressaltos na cabeça. Pôr as coisas nos seus lugares. Usar blusas coloridas. Ter sonhos e não pesadelos...

Sophie olha, de novo, pela janela. A mulher já lá não está. Max aproxima-se de mãos nos bolsos, com o seu andar um pouco desengonçado, como se o corpo dançasse e os pés não, antes fossem resistindo ao impulso do torso, ao balanço das coxas. Foi o que lhe chamou a atenção nele, da primeira vez em que se viram. "Um homem que anda assim merece ser descoberto", disse-se. "Move-se sem pensar, no que será que pensa?" A curiosidade prendeu-a. Isso e o belo rabo dele...

O que é que nos atrai no outro, senão o desconhecimento? Ou a impressão de reconhecimento. Mas quando começamos realmente a conhecê-lo, já nos estamos a afastar, mesmo que o não saibamos ainda. Mesmo que fiquemos fisicamente. É o conhecimento que mata a paixão. Porque só o amor é compassivo. Só ele suporta conhecer.

Max aproxima-se do portão do jardim que rodeia a pequena casa amarela, no bairro de singelas moradias térreas, em que moram. Compõe já a expressão. Abandona o ar meio perdido e triste com que fica sempre que vai à porta da escola, ver as meninas que

saem das aulas. Afasta a madeixa loura, que lhe cai sobre a testa, num gesto automático, que repete muitas vezes, sem dar por isso.

Sophie deixa, rápida, a janela. Volta a sentar-se no seu velho sofá, forrado a flanela cinzenta, ao qual o muito uso reforçou o aspecto confortável. Repega no tricô. A sala começa a ficar escura. São vinte metros quadrados acolhedores, com quatro sofás sobre uma tapeçaria persa, junto à lareira; uma pequena mesa de trabalho com uma cadeira, a um canto; o sofá de Sophie, noutro canto, perto da janela, junto a um candeeiro de pé. Tudo isto aquecido por meia dúzia de quadros de Max, nas paredes... Apesar da obscuridade que se instala, Sophie não acende a luz. Espera que seja ele a fazê-lo, quando entrar com o ar distraído, que usa sempre quando volta.



A mãe de Sophie vive em permanente depressão. Não é uma doença, é uma maneira de ser. “Tem um si mesmo deprimido”, dizem compreensivos os poucos amigos que lhe restam. Por isso, controla-se como pode durante as horas de trabalho. Mal sai, enfia uns comprimidos e anda o resto do dia meio adormecida. “A mãe parece uma zombie”, diz a filha. “É! Dava uma personagem do Stephen King”, ajunta Max e cala-se. O certo é que Sara [a mãe de Sophie chama-se Sara] vive sozinha. Deita-se cedo. Nunca está para ninguém.

É assim desde que o marido, dez anos antes, saiu de casa para ir viver com uma aluna, trinta anos mais nova. Sara não aguentou. Deu em desequilibrar. Ao princípio gritava com a filha, por tudo e por nada. Dizia que o mundo estava a mudar muito depressa, que era preciso pôr-lhe um travão. Defender a moral antiga, não aceitar de ânimo leve a decomposição dos costumes. A promiscuidade. A sem